

As Aventuras de Fernando Pessoa, Escritor Universal

Miguel Moreira*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, vida e obra, banda-desenhada, Bernardo Soares, um dia na vida de.

Resumo

Apresenta-se uma breve introdução a uma banda-desenhada sobre Fernando Pessoa, seguida de um segmento dessa mesma BD dedicado ao “ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa” Bernardo Soares.

Keywords

Fernando Pessoa, life and work, comic-book, Bernardo Soares, a day in the life of.

Abstract

A brief introduction to a comic-book about Fernando Pessoa is presented and followed by a segment of the same comic-book, about the “assistant bookkeeper in the city of Lisbon” Bernardo Soares.

* Independente.

ERA UMA VEZ...



Procurando bem, descobre-se que tudo já foi mais ou menos feito em banda-desenhada desde o dia em que Johann Wolfgang von Goethe apreciou os primeiros manuscritos de Rodolphe Töpffer e incentivou-o a publicá-los, considerando a novidade como um género cheio de potencial.

Infelizmente, e ao contrário do que aconteceu com o cinema, a banda-desenhada continuou durante tempo demais a ser considerada como uma mera forma de entretenimento, cuja popularidade foi entretanto decrescendo. As diluídas noções de autoria e de responsabilidade autoral foram no entanto produzindo os seus efeitos, contribuindo para o apuramento formal do meio e, em alguns casos, para a pertinência temática de certas obras. Um dos obstáculos que dificulta ainda hoje uma digna elaboração artística da literatura desenhada e uma adequada recepção crítica da mesma por parte da generalidade dos eventuais ou potenciais leitores é a primazia de que têm beneficiado, não os artífices, mas sim as personagens, no gosto do público. Quanto a isso, a culpa talvez seja do Ulisses...

Fernando Pessoa, como se sabe, prestou-se ao culto iconográfico da sua pessoa, culto esse que teve resultados particularmente felizes na série de pinturas que António Costa Pinheiro lhe dedicou. É deveras difícil não ficar interessado pelo semblante desse transeunte lisboeta que viveu no longínquo e vago início do século XX português, cuja reputação de génio literário incompreendido e ignorado em vida se ficou a dever à obra que guardara diligentemente num arca, e ao facto de grande parte dela não ser da sua autoria mas antes de uma série de personalidades sem existência real, excepto aquela que os papéis atestam.

Devo no entanto admitir que fui resistindo a esses encantos até à minha entrada na idade adulta, tendo chegado, no desenvolvimento de uma desassossegada vocação artística (como convém que seja toda a vocação artística, seguindo os melhores exemplos), a um ponto em que se tornara urgente passar “da teoria à prática”. Percebo agora que essa demora deveu-se a uma íntima e inconsciente convicção: no meu caso concreto, a melhor teoria seria aquela que sucede à prática, e não o contrário. Durante essa tomada de consciência, a ideia de transformar o Fernando Pessoa numa personagem de BD parecera-me interessante, mas a dúvida estava em saber que história contar. A minha resistência ao fascínio pessoano estava prestes a ceder. Após a leitura do texto “António Botto e o Ideal Estético em Portugal”, publicado em 1922 e cujo tema é a criação artística, percebi finalmente que a única história digna de ser contada seria a da personagem real. Aquela que nascera em 1888 e morrera em 1935, entenda-se.

Pareceu-me contudo, numa fase inicial da concepção da biografia em banda-desenhada cujo título e primeira meia-página encimam este breve escrito, que outra das personagens do complexo e ambíguo universo pessoano poderia merecer uma atenção especial e diferente – uma atenção “outra”. Resolvi imaginar um dia na vida do apagado e postumamente célebre empregado de escritório da Rua dos Douradores e apresentá-lo sob a forma de um “livro dentro do livro”, inserindo-o cronologicamente no decorrer da história maior (que veio a ter, na sua forma final, 166 páginas). É esse o segmento que se apresenta aqui; o seu título é: “*As Aventuras de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa...*”.

O que distingue principalmente este episódio do resto da história é o facto de não ter palavras. Salienta-se assim uma das características essenciais da literatura desenhada: a capacidade expressiva das suas sequências “silenciosas” de imagens; e preserva-se outra: a banda-desenhada não é “literatura truncada e ilustrada”. Fico contente por ter evitado esse erro. Baseando-me nos textos do “Livro do Desassossego” tardio, onde o seu autor é definido pelo seu meio-ambiente, aproveitei, de acordo com o meu propósito, os elementos visuais mais sugestivos assim como as acções passíveis de serem representadas, e compreendidas sem o apoio dos textos originais. A cor destas dez páginas (com capa e contracapa próprias), e de toda a BD, é da responsabilidade da minha colaboradora, a Catarina Verdier.























